

Do Silêncio na Sessão à Escrita da Clínica

Ensaio

Ana Cláudia Santos Meira

Psicanalista, Membro Associado do CEPdePA, Doutora em Psicologia, autora do livro "A Escrita Científica no Divã".

Não há dúvidas sobre a importância de escrever a clínica em Psicanálise. Além de atender às exigências da Formação, que demanda a elaboração de um relatório de supervisão e de um teórico-clínico, ela cumpre várias outras funções que não são institucionais: como analistas, ela ajuda a organizar as ideias, a compreender o analisando, a estudar algum conceito ou um caso, a teorizar sobre ele, a fazer uma autoanálise. No entanto, penso que é ainda mais do que isso.

Para mim, a clínica psicanalítica sempre foi lugar de intensidade. Composta de enredos feitos de fatos, obscuridades, segredos, perguntas, descobertas, dúvidas, incertezas e fantasmas; traz-nos os melhores sonhos e os mais terríveis pesadelos, inconfessáveis paixões e medos intensos, histórias de amor e ódio, sedução e terror, vida e morte.

Sentados na poltrona de analistas, idealmente, a força daquilo que vivenciamos, devemos receber, escutar, conter; conter dentro de nós aquilo que o analisando ainda não pode; é para isso que estamos ali. Supostamente, estamos mais bem instrumentalizados que ele. Isso, contudo, não deixa a tarefa mais fácil, mas não é disso que se compõe nosso ofício? Nessa função, dispomo-nos a estar em contato com tudo aquilo que ele faz evitar: sexualidade e morte, desejos e desamparo, paradoxos da vivência humana. Aliás, no tempo da sessão, paradoxos é o que não faltam: deveremos nos manter abstinente e, ao mesmo tempo, vinculados; sem expectativas que se imponham ao desejo do analisando e, ao mesmo tempo, ligados; neutros, mas não alheios; com nossos órgãos do sentido em suspenso e, também, afinados; atentos e, estranhamente, livres e flutuantes.

Na sessão, o lugar de fala pertence ao analisando. Estamos atentos a ele e àquilo que ele diz, seu relato, seu corpo, seus sintomas, gestos, sonhos e atos falhos. Ali, nosso olhar está voltado para as suas questões; nossa escuta está dirigida para o que vem dele, seja no volume que for. Ao realizarmos uma interpretação ou apon-

tamento, dizemos daquilo que este sujeito põe como questão ou como certeza, para ser ouvido, descoberto, decifrado ou traduzido. Se tudo corre bem, não ocuparemos a sessão que é do analisando com as *nossas* necessidades.

Estaremos, sim, movimentados, mobilizados, por vezes, atormentados por toda a carga emocional que, inevitavelmente, se faz presente, quando trabalhamos profunda e verdadeiramente com a Psicanálise. No entanto, a nós, caberá estarmos em silêncio de nós e de nossas próprias angústias, e em escuta daquilo que ele fala e do que ele não fala. Não externalizaremos aquilo que resta dentro de nós, sobrecarregando aquele que *mal se segura* com seu próprio psiquismo. Disso, compete a nós dar conta: nossos conflitos, inseguranças, expectativas e demandas devem encontrar escuta em outros espaços: na análise pessoal, na supervisão, nos seminários e na escrita – espaço privilegiado, penso.

Nesta clínica, enquanto se trata de interpretar ou traduzir, já não é fácil. Contudo, muitas vezes, há tratamentos, há analisandos, há sessões ou, no mínimo, momentos em que simplesmente falta qualquer significado e qualquer possibilidade de significação. Seja por fragilidades nossas ou deste que ocupa o divã, por vezes, não conseguimos processar, pensar, elaborar ou conter o que, no sujeito, ganhou uma magnitude que é vivida também por nós como um excesso, dada a intensidade.

Assumimos a função de escutar *por horas a fio*, a cada dia, os problemas e as queixas, as dúvidas e as escolhas neuróticas do outro. Todavia, além disso e ainda mais, escutaremos as tristezas, as mortes e perdas insuportáveis, feridas abertas, os traumas de infância, a crueldade de histórias dramáticas, o desespero de alguém que parece mais sobrevivente do que um ser vivo e humano, um sujeito que sofre por si e pelas gerações que o precederam, com um desespero que parece sem fim, sob o jugo de uma repetição mortífera, desistindo frente a um silêncio e uma solidão que não cessam... E nos faremos cargo disto. Até uma hora em que não fazemos mais...

Neste campo, quantas vezes não nos ocorre de estar tão fragilizados quanto aquele que deita em nós a confiança de uma melhora, a expectativa de compreensão? Ou nos sentirmos tão despreparados, inseguros do que compreendemos ou, pior, sem conseguir compreender nada do que divide conosco este que tem em nós suas esperanças, às vezes, as últimas? E, mesmo nesse estado, não podemos fugir. Suportamos *no osso do peito* uma (ou várias) sessão em que sobram angústias e falta suporte, não para ele – já que, para ele, estamos nós ali – mas para nós.

As questões da neurose já nos põem a trabalhar intensa e seriamente, mas, quando pensamos na clínica do *mais além*, o que domina a cena da sessão e, em especial, o que habita este sujeito, não é da ordem de uma neurose, do que jaz sob um recalçamento que é capaz de ser movimentado via interpretação, fazendo resurgir um material que estava destinado a se manter intacto. O *mais além* nos apresenta sujeitos que sofrem um sofrimento que não é expresso por palavras. As coisas vêm em estado mais bruto, pois não lograram o processamento que foi possível para o neurótico. Neles, o que não pode ser pronunciado em voz alta, como resultado de um processo anterior – que ganhou *status* de representação, com toda uma significação psíquica – se faz ver pelo corpo, pelo ato, pelas sensações que temos e que, serão, por algum tempo, indecifráveis; por algum tempo, insuportáveis. Por isso, o conteúdo da sessão tem um peso ainda maior do que quando trabalhamos com quem já tem a palavra como forma possível de comunicação.

É sobre esses analisandos que sou levada a escrever. *Levada*, porque, nestes casos, escrever não me é exatamente uma escolha da ordem do consciente. Arrastada pela intensidade que esta força mortífera do ato me impõe, sou como que convocada a lançar mão deste recurso adicional – com o refinamento de um processo sublimatório, que coloca palavra no que era pura inscrição – pois os suportes do conhecido tripé são de outra ordem e dão conta de outra forma.

Os silêncios da clínica, aquilo que se misturou a recantos já de antes isolados e solitários, vão para o papel. É ali a foz onde poderei depositar o que foi demais e buscar contenção ao que estive em excesso. Escrevo um trabalho como falo na sessão de minha própria análise: não porque quero, mas porque preciso; porque não conseguiria não falar, não conseguiria não escrever. Logo, não escrevo movida por vontade, que é do Ego; escrevo movida por desejo e, talvez ainda anterior ao desejo, escrevo por necessidade, por angústia, por desamparo, pelo repuxo da morte, por uma quietude e pela possibilidade de emergir daí.

A escrita vem como recurso sofisticado para nos salvar deste mergulho profundo que é a clínica, que angustia, inquieta, desacomoda, nos provoca, nos desafia, e que faria isso o tempo todo, se deixássemos, se fosse plausível tolerarmos estar o tempo todo nesse estado de atenção livre e solta, em que nos vemos sem chão, sem paradeiro, sem limites. Com alguns analisandos, é como se estivéssemos quase loucos, a um passo de nos desorganizarmos como eles e, às vezes, é *por um triz* que não atuamos. Então, a escrita vem neste momento prévio, no exato ponto a partir do qual nos perderíamos, caso não tivéssemos a escrita como a chance de resgatar a capacidade de dar palavra, contornos, bordas ao que quase foi esparramado.



É isto que fazemos: mergulhamos nisso tudo, até a hora em que, emergindo desta experiência e deixando a poltrona atrás do divã, dirigimo-nos à cadeira em frente ao papel. É aí que escrevo. Para não transbordar, não atuar, não adoecer, não morrer como analista. Colocamos na escrita – em seu misto de atividade e ato, processo mental e manual, psíquico e motor – a possibilidade de fazer algo ativamente, algo que nos garante mais autoria, protagonismo e domínio, sobre o que, na sessão do outro, sofremos passivamente. Na sessão, somos objeto de transferência; na escrita, nossa posição muda e, já distantes do peso que é a hora analítica, podemos dar voz a tudo aquilo que antes tivemos que silenciar em nós. Enquanto analistas, vamos – tal como o *fort-da* de Freud – *sofrer*, no sentido de viver com o menor número de defesas possível aquilo que o analisando demanda que vivamos com ele; às vezes, que vivamos *por* ele. Na análise, não há como ficarmos de fora, impassíveis, intocados. A psicanálise é coisa que queima.

Acompanhamos o analisando, mas, para nós, a clínica é lugar de profunda solidão. Por mais povoados internamente de objetos, imagens, representações, modelos, introjeções, identificações..., de fato, estamos sós. E além desta condição de solidão, estamos desamparados, pois não temos a quem recorrer em nosso estado de não saber ou não compreender. Ali, vamos estar abertos, desprotegidos, despreparados, desarmados, assustadoramente soltos e firmemente perdidos. Naquele instante, só contamos conosco, e é necessário que seja assim. Temos de esperar; esperar que o analisando levante e saia, para que aquilo que não demos conta, que devastou nossa capacidade de processar mentalmente, recupere espaço em nós; para que aquilo que nos arrancou de nosso lugar nos permita retornar a ele.

Usaremos a escrita em um tempo e um espaço diferentes da sessão, justamente para nos fazer acompanhados por este *outro*, que é a própria escrita. É nesse encontro com a folha e nessa ação de registrar no papel, que poderemos readquirir a qualidade necessária para seguir processando o que, em algum momento, foi pura quantidade e foi sofrido. Aquilo que resta da clínica, o que sobra, o que excede, é não apenas o que não compreendemos do analisando, aquilo que não alcançamos, que não sabemos, mas, em especial, aquilo a que não pudemos dar voz, que teve que esperar no silêncio, até encontrar um lugar onde pode ser *desaguado*, a folha e nossa atividade frente a ela, então, sujeitos de nossa escrita.

Então, neste trânsito entre passividade e atividade, entre ser objeto e ser sujeito, entre a poltrona e a cadeira, entre analisar e escrever, tendo feito silêncio em nós e tendo dado voz e inscrição, registro e materialidade, podemos voltar a estar com nosso analisando, não mais sobrecarregados daquilo que não podemos deramar sobre ele. Retornamos ao consultório e, de novo abastecidos, retomamos a



escuta analítica, porque a folha fez-nos escuta, e a escrita foi interlocutora de nós.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Ana Rachel Salgado

Ana Cláudia Santos Meira
Av. Goethe, 71 / 1001, Rio Branco
90430-100 Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: anameira@gmail.com

